

*Eu mudei de pincel e de paleta — embora seja a mesma a tinta com que escrevo — mas mudei, que, de repente, surgiste diante de mim.*

*Álvaro Feijó, Varina*

*Surgiste o mesmo diante de mim.  
Espalhaste no ar, sem pincel nem paleta,  
As tuas cores, em enormes bolhas  
Que desenhavam a repetida história  
Que eu já conhecia.*

*Entristece-me ver-te assim,  
De olhar parado sobre a paisagem  
Que ao longe se desfaz — é bela — dizem.  
O belo das coisas está para lá do seu significado.  
Quem não viaja para atingir o belo,  
Contenta-se com a breve doçura de saber tudo de nada.  
Quem sabe nada é feliz, desconhece a sua infelicidade.*

*Ao ver-te assim, a dormir sobre o tempo  
Gosto de falar no teu vazio: faz-se eco.  
É como se de vazio já não se tratasse.  
Há ali algo que reflecte  
O que a palavra reflecte  
Vem até mim a palavra incompleta  
Desgastou-se o campo semântico.  
Mas devo pronunciá-la,  
Porque se há eco no vazio  
Há a possibilidade de eu  
Fazer uso da incompleta palavra  
Completando-a à minha maneira.*

*Quando te olho novamente  
Os teus olhos são luz e sombra e tudo.  
É aí que eu condeno a palavra.  
Ah! Pudesse eu amar assim!  
Nos olhos é tudo tão verdade!  
Podiam tirar-me o som da palavra  
Que os nossos olhos não deixariam de cantar  
Doces melodias de amor.*

Margarida Pimentel  
Ana Lúcia, 12ºH